

Significado simbólico e histórico do prémio "SENNA-MARTINEZ/esporas de ouro"

"As cerimónias de investidura cavaleiresca no Portugal Medieval (Séc. XII-XV)"

*A cerimónia da investidura de um cavaleiro na Idade Média revestia-se, de enorme simbolismo. Na sua forma mais antiga, o cerimonial era simples, estamos em crer primitivo. Nessa época o adubamento (armamento que compunha a panóplia do equipamento do cavaleiro) era o centro da cerimónia. No entanto, tudo se alterou enormemente sob a influência da Igreja. No início do século XII, o simbolismo da cerimónia de investidura começou a ter uma dignidade e um significado muito maior. No seu início, o aspirante a cavaleiro era solenemente despido das suas roupas mundanas após o que tomava um banho como símbolo de purificação. Depois era vestido com uma túnica branca, símbolo da pureza (da mesma forma que uma criança no batizado) e sobre ela um manto escarlate, sinal da nobreza; e as meias e sapatos eram negros a lembrar a morte e o mundo onde este teria de viver. Depois, era cingido com o "cingulum" (Cinto) branco, princípio da castidade e era levado para a capela do castelo, ou para a igreja onde durante a noite teria de permanecer em vigília, solitário, orando em frente ao altar-mor. De manhã confessava-se e ouvia missa. No final, advinha o grande e solene momento. Sobre o altar-mor, a espada, símbolo do poder concedido por Deus ao cavaleiro, (*Omnibus potestas ad Deo*) (Todo o poder vem de Deus) e as esporas de ouro marca indelével da sua nobreza, jaziam sobre almofadas escarlates.*

**ΤΦ – "Terras Quentes" Associação de Defesa do Património
Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros – PC 508660629**

Então, o Bispo ou o sacerdote que presidia à cerimónia, pegava na espada e entregava-a ao Rei ou ao nobre que iria armar o cavaleiro. Este desembainhava-a e firmava a "pescoçada" com três ligeiras pancadas sobre os ombros do cavaleiro, ajoelhado diante dele enquanto pronunciava as seguintes palavras. "Accipe gladium istum in nomine Patri et filii et Spiritus Sancti, et utaris eo in defensam tuam crucisae fidei christianiae". (Tradução livre: Benzo esta espada em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo, para valer de sua cruz na defesa da Fé Cristã).

Com estas palavras, ficava o cavaleiro ungido por Deus. Depois, e já com o cavaleiro de pé, eram-lhe colocadas as esporas de ouro, a mais elevada distinção da nobreza e envergando-lhe a sua armadura completa com as respectivas armas de guerra. A partir de então, passava a ser cavaleiro.

Essas cerimónias, complexas, podiam ser grandemente simplificadas, mantendo sempre o seu significado e dignidade, em campo de batalha ou em quaisquer locais julgados para o efeito.

Em Portugal a cerimónia de investidura não exigia que o cavaleiro tivesse qualquer idade. Podia acontecer com o ungido ainda muito novo. Miguel Aguiar, na sua magnífica obra "Fazer cavaleiros", diz; as cerimónias de investidura, no Portugal Medieval dá-nos conta, através dos livros de linhagens, que Gonçalo Gomes de Briteiros foi investido por Gonçalo Mendes de Souza; que Fernando Garcia de Bragança armou Nuno Martins de Chacim; que Gonçalo Anes da Nova armou cavaleiro Soeiro Pais de Valada.

**TQ – "Terras Quentes" Associação de Defesa do Património
Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros – PC 508660629**

De acordo com Leontina Ventura, Miguel Aguiar, (opus cit. P.28 e seg.) refere que Nuno Martins de Chacim foi investido por volta de 1237/1238.

Se considerarmos que o rico-homem da corte de D. Dinís e herdeiro dos Braganções só viria a morrer em 1284, há uma forte hipótese de que fosse bastante jovem na altura do seu adubamento.

Todo este cerimonial descrito de forma muito sucinta, prende-se com as tradições da nobreza da Europa em geral e, muito particularmente, em Portugal.

E pelo que toca aos Cavaleiros da Ordem dos Templários no nosso País?

Sabemos muito pouco deste particular. Os documentos são praticamente nulos pelo que tudo se torna num enigma de difícil decifração. Todavia uma coisa é certa. Os Templários não tinham cerimónia de investidura para armar cavaleiros, nem a nobreza tinha ali qualquer significado. Tinham sim cerimónias de iniciação. Qualquer pessoa podia ser iniciada independentemente da sua condição social. Aqui, as esporas de ouro não tinham significado. Eram de aço... e do mais puro aço.

Macedo de Cavaleiros, 3 de junho de 2022

Miguel Pereira Coutinho Sanches de Baêna

Vice-Presidente da Direcção da Associação Terras Quentes.